

Lusanir de Sousa
Carvalho¹

Simone Gonçalves de
Assis²

Thiago de Oliveira
Pires³

Violência sexual em distintas esferas relacionais na vida de adolescentes

Sexual violence in different relational spheres in the life of teenagers

RESUMO

Objetivo: Apresentar os resultados da investigação sobre o panorama da violência sexual entre namorados adolescentes e escolares, em dez cidades brasileiras. **Métodos:** A amostra foi composta por 3696 adolescentes de ambos os sexos, estudantes do 2º ano do ensino médio, em 2007-2008. Procedimentos metodológicos foram subsidiados pela aplicação do questionário (CADRI) e análises estatísticas. **Resultados:** Os resultados obtidos apontaram que 10% dos entrevistados sofreram violência sexual em pelo menos uma esfera relacional em que vive: na relação com os pais, com o atual ou antigo namorado ou pessoa com quem "ficou" ou com pessoas da escola/comunidade. Como encontrado na literatura, resultados comprovaram que a violência sexual na adolescência, pode ser cometida por conhecidos e, de forma frequente por parceiros amorosos. **Conclusão:** A violência sexual quando presente no namoro expõe os adolescentes a riscos inclusive de revitimização, e aponta para a perspectiva de pensar em ações que visem à promoção da saúde e prevenção da violência sexual junto a esta faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE

Violência sexual, adolescente, estudantes, sexualidade.

ABSTRACT

Objective: Present the results of an investigation about an overview of sexual violence among teenage boyfriends in schools of ten Brazilian cities. **Methods:** The sample consisted of 3696 teenagers of both sexes, students from the 2nd year of high school between 2007-2008. The method used was based on the application of the CADRI questionnaire and statistical analysis. **Results:** The results showed that 10% of the interviewed experienced sexual violence in at least one relational sphere where they live: relationship with parents; current or former boyfriend or person who they dated; or people of the school / community. Our results are consistent with the literature that have demonstrated that sexual violence in adolescence can be committed by acquaintances and are often committed by loving partners. **Conclusion:** The presence of sexual violence in a relationship exposes teenagers to risks including revictimization, a fact that lead us to think about the necessity of actions for promotion of health and prevention of sexual violence for this age group.

KEY WORDS

Sexual violence, adolescent, students, sexuality.

¹Doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (FIOCRUZ) - (Professor Assistente) - Psicologia - Universidade Estácio de Sá (UNESA) e Veiga de Almeida (UVA). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

²Doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ - (Pesquisadora Titular e Coordenadora Executiva do Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, da ENSP/FIOCRUZ). Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³Mestrado em Epidemiologia em Saúde Pública (Doutorado em andamento em Engenharia Biomédica) - Engenharia Biomédica - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Lusanir de Sousa Carvalho (lusanir-carvalho@uol.com.br) - Avenida Ayrton Senna, nº 111, apto. 704. Barra da Tijuca. Rio de Janeiro-RJ. CEP. 22793-000.

Recebido em 06/08/2015 – Aprovado em 26/09/2015

➤ INTRODUÇÃO

A violência sexual atinge todas as classes sociais com altas taxas de ocorrência especialmente entre adolescentes, com predomínio junto ao sexo feminino¹⁻³. Denominada como “epidemia escondida” em função do hiato entre a frequência de ocorrência e a pouca divulgação⁴. Por ser uma violência interpessoal, chamamos atenção para as situações em que essa modalidade de violência, através das relações de gênero, é legitimada e naturalizada nas relações afetivo-sexuais entre casais⁵.

A violência sexual costuma ocorrer em conjugação com outras formas de violência⁶⁻⁸. Um fator reconhecido por aumentar a vulnerabilidade na vida adulta é ter sido vítima de violência sexual na infância e na adolescência^{6,8}. Consequentemente, ter sido exposto a diferentes modalidades de violência no namoro representa importante fator de risco de revitimização, considerando a imaturidade emocional, a inexperience relacional e iniciação à sexualidade⁵.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a violência como um problema de saúde pública⁴. O termo violência sexual utilizado neste estudo será considerado seguindo as diretrizes da OMS (2002)⁴. A violência entre casais adolescentes é referenciada na literatura internacional como “*dating violence*” ou “*courtship violence*”, constituindo-se um dos fatores de risco para a revitimização na vida adulta envolvendo mulheres⁹.

A relação desigual entre as fontes que fornecem dados sobre a violência sexual e a magnitude do problema, demonstram a invisibilidade da violência sexual no namoro^{6,8,11}. Estes fatores estimulam a subnotificação do fenômeno, comum em todo o mundo. Dentro da relevância do tema, este artigo descreve o panorama da violência sexual entre namorados, adolescentes e escolares, em dez cidades brasileiras.

➤ MÉTODO

Os dados apresentados neste estudo são provenientes de estudo multicêntrico realizado

com 3696 adolescentes, na faixa de 15-19 anos, de ambos os sexos, estudantes do 2º ano do ensino médio das escolas públicas estaduais e particulares das capitais de dez estados brasileiros, entrevistados entre anos de 2007 e 2008. O estudo foi efetuado pelo Centro Latino Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli⁷.

A aferição de violência sexual apresentada nos resultados deste estudo está baseada na construção de uma variável composta por quatro itens que descrevem situações que o adolescente poderia ter sofrido violência sexual. A presença de pelo menos um destes eventos a caracteriza:

- Sofrer violência sexual do parceiro afetivo atual: “*a pessoa com quem ‘fica’ ou namora atualmente ou no último ano forçou você a fazer sexo quando não queria?*”.
- Sofrer violência sexual do parceiro afetivo anterior: “*já sofreu agressão sexual de outros(as) namorados(as) ou pessoa com quem “ficou” ao longo da vida?*”.
- Ter experiência sexual com pais/responsáveis: “*a sua relação com seus pais /responsáveis já envolveu alguma experiência sexual?*”.
- Sofrer experiência sexual na escola/comunidade: “*você já sofreu alguma agressão sexual na sua escola / comunidade?*”.

A amostra foi dimensionada para se obter estimativas de proporção, com erro absoluto de 0,10, nível de confiança de 95% de ocorrência de vitimização entre namorados igual a 70%. Utilizou-se amostragem conglomerada multi-estágio, com seleção em duas etapas: (1) escolha das escolas, com probabilidade de seleção proporcional à quantidade de alunos (PPT sistemática) de 2º ano em cada um dos estratos; (2) seleção aleatória de uma turma por escola, e aplicação do questionário para todos os alunos. O plano amostral foi delineado com o objetivo de encontrar menor tamanho amostral com maior precisão e poder de inferência para a população estudantil de 2º ano das dez capitais. Devido à seleção por conglomerados, foi incluído um efeito de desenho de pelo menos 2, a fim de se man-

ter o mesmo nível de precisão de uma amostra aleatória simples (AAS). A amostra foi composta por alunos de Manaus (253), Porto Velho (307), Recife (348), Teresina (493), Brasília (352), Cuiabá (376), Rio de Janeiro (341), Belo Horizonte (361), Florianópolis (351) e Porto Alegre (314).

Foi aplicado questionário anônimo aos alunos em sala de aula composto de algumas escalas e indicadores. Nas questões do questionário aplicado incluiu-se a escala *CADRI (Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory)* – desenvolvida por Wolfe et al. (2001)¹³ e questões sobre violência sexual e em relacionamentos anteriores. Foi realizada a adaptação transcultural dessa escala para a língua portuguesa⁷.

Na análise dos dados da CADRI, cada forma de violência foi aferida pela soma dos escores dos itens. categorizou-se como positiva a presença de pelo menos uma variável indicando que houve violência sexual. Quando o escore da soma dos itens foi zero, ficou caracterizado que a violência nunca ocorreu.

Os dados foram analisados através de tabelas de contingência entre a variável composta que afere violência sexual e as demais variáveis investigadas: sexo, idade e as formas de violências aferidas pela CADRI (física e psicológica). Variáveis contínuas foram apresentadas através de médias e sua associação com a variável dependente foi investigada através da correlação de Somers' D. A análise de associação entre as diversas variáveis categóricas e sexo foi realizada por uma variação do teste de qui-quadrado de segunda ordem de Rao-Scott e p-valores < 0,05 indicaram associações estatisticamente significativas. O mesmo nível de significância foi utilizado

para todos os demais cruzamentos realizados. Os dados foram analisados por meio de descrição da frequência absoluta e relativa segundo os diferentes estratos (cidade ou rede de ensino). Adicionalmente foram descritos os intervalos de confiança (IC 95%) para proporções e médias.

Utilizou-se na redação do artigo, o termo 'namoro' de forma geral, envolvendo também relações esporádicas e passageiras, que podem durar dias, horas ou até minutos ("ficar", "pegar"). A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da ENSP/Fiocruz e aprovada sob o número 07/08 - CAAE: 0011.0.031.000-08.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Violência sexual em distintas esferas relacionais

A violência sexual no namoro é mundialmente estimada, considerando que o número de registros é inferior ao número de pessoas que foram vitimizadas¹⁴. É raramente denunciada em função de sentimento de medo e vergonha da vítima, ao ter que reconhecer publicamente o parceiro íntimo como agressor.

Dos adolescentes analisados neste estudo, verificou-se que 10,1% sofreram violência sexual em pelo menos uma esfera relacional em que vive: na relação com os pais, com o atual ou antigo namorado ou com pessoas da escola/comunidade. Deste total, 1,5% dos adolescentes entrevistados vivenciaram mais de uma situação de violência sexual dentre as indagadas.

Observando-se isoladamente as quatro questões que compuseram a variável composta que aferiu violência sexual, tem-se o quadro 1.

Quadro 1. Questões que compuseram a variável que aferiu a violência sexual dos adolescentes analisados no presente estudo.

	Meninas (%)	Meninos (%)	Total	P-valor
Ser forçado pelo atual parceiro a fazer sexo	4,0	5,6	4,6	<0,001
Sofrer agressão sexual de parceiro afetivo anterior	2,5	1,9	2,4	<0,001
Ter passado por experiência sexual com pais/responsáveis	2,7	5,4	3,7	<0,001
Sofrer agressão sexual na escola ou comunidade	1,9	1,3	1,7	<0,001

A figura 1 apresenta a distribuição dos 10,1% de adolescentes que sofreram violência sexual em pelo menos uma esfera relacional dentre as apresentadas na tabela 1, segundo o sexo. As meninas, embora tenham informado menos essa forma de vitimização, o fizeram em mais esferas: 7,5% em apenas uma situação (na família, escola, comunidade, com o parceiro atual ou anterior), 0,7% em duas dessas vivências relacionais, 0,6% em três e 0,2% nas quatro dimensões relacionais indagadas.

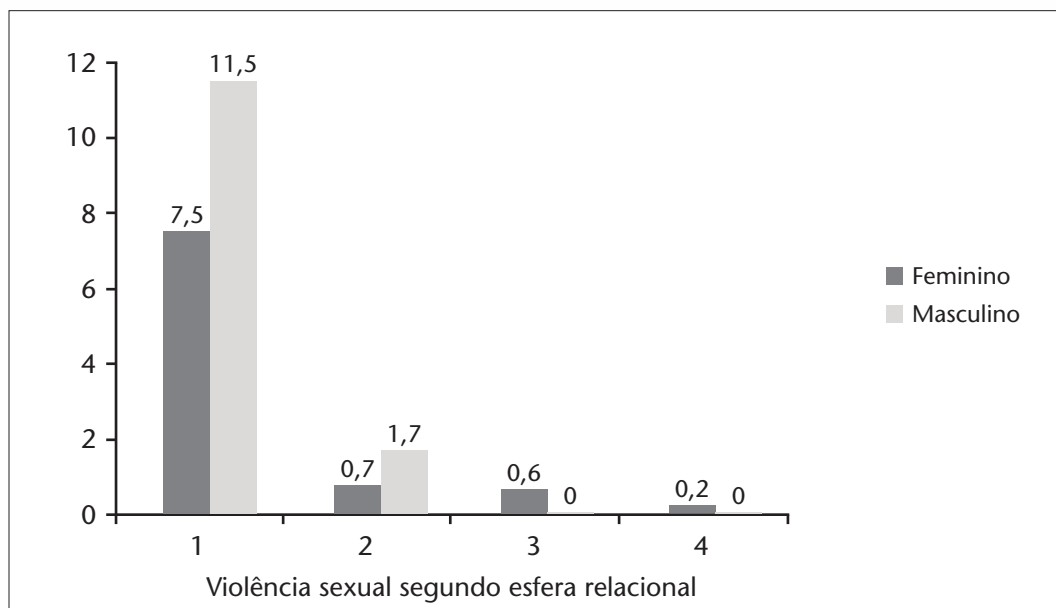
Conforme descrito na literatura, estes resultados comprovam que a violência sexual é comum entre adolescentes^{6,7}, podendo ser cometida por conhecidos e, de forma frequente, por parceiros amorosos^{8,11,15}.

Os meninos relataram sofrer mais violência sexual (12,5%) do que as meninas (8,7%). Estes dados apontam para uma característica distinta da que foi observada na literatura, que descreve que adolescentes do sexo feminino revelaram sofrer mais violência sexual do que os do sexo masculino^{4,9,16,17}.

Em relação à idade, é maior a prevalência de violência sexual entre os jovens pertencentes à faixa etária entre os 17-19 (entre 13% e 19%) do que entre os adolescentes mais novos (entre 5-8%). Estes resultados evidenciam maior vulnerabilidade à violência sexual nesta faixa etária, confirmando dados de outras investigações^{4,6}.

Dentre os entrevistados, quase a metade das meninas e 40,3% dos meninos referiram ter sido tocados sexualmente mesmo quando não queriam. No entanto, tanto meninas quanto meninos referiram já terem tocado o parceiro sem consentimento. Observou-se que 27,7% das meninas e 15% dos meninos relataram terem sido ameaçados na tentativa de fazer sexo com o parceiro. Igual realidade foi observada quando perguntado se já haviam *ameaçado os parceiros numa tentativa de fazer sexo com ele*. O grupo que sofre violência sexual também perpetra ameaças que visam forçar a existência de relações sexuais. Estes resultados indicam a presença de uma relação afetivo-sexual em que os comportamentos sexuais são invasivos e bilaterais para ambos os

Figura 1. Distribuição dos adolescentes segundo vivência de violência sexual em pelo menos uma esfera relacional, segundo o sexo (N homens=1363; N mulheres=1982).



sexos¹⁷. Ambos os sexos foram vítimas e perpetradores de violência sexual, estando assim vulneráveis a outras formas de violência.

Violência sexual nas esferas relacionais e violência física entre namorados

Entre os meninos a violência física está presente em 26,1% dos casos, contra 18,8% entre meninas também vitimizadas sexualmente. Verificou-se associação entre sofrer violência sexual na família, comunidade/escola e no namoro/'ficar' e ser vítima de violência física no namoro. Observou-se associação entre sofrer violência sexual e ter parceiro (a) que joga algo sobre o entrevistado em ambos os sexos. Assim como ter parceiro (a) que bate, chuta ou dá socos no (a) entrevistado (a). Os entrevistados que relataram ter recebido tapas e puxões nos cabelos de seus parceiros, são, em maior parte, meninas. O mesmo fato ocorreu em relação a ser empurrado ou sacudido pelo parceiro, que mostra associação com vitimização sexual apenas entre as meninas. Ressalta-se a elevada frequência de vitimização por violência física nos relacionamentos, informação dada por ambos os sexos, com frequências que oscilam entre 12% e 27%, dependendo do tipo de agressão e do sexo informante.

Houve associação significativa entre sofrer violência sexual em alguma esfera relacional e perpetrar violência física sobre o(a) parceiro(a) ($p = 0,003$). 30,5% das moças que vivenciaram violência sexual são também perpetradoras de violência física, seja de forma rara, ocasional ou constante. No que se refere a bater, chutar ou dar socos no (a) parceiro(a), observou-se associação entre vivenciar violência sexual e perpetrar esses atos de violência física entre os meninos ($p = 0,009$). Entre entrevistados que dão tapas e puxões nos cabelos dos(a) parceiros (a), constatou-se que para ambos os sexos há mais relatos de perpetração dessa forma de agressão física dentre aqueles que também vivenciam violência sexual: $p = 0,011$ (meninas) e $p = 0,049$ (meninos). Mais meninas vitimizadas sexualmente (38,8%) agem com tal forma de

violência física em comparação aos meninos em igual condição (19,2%).

Empurrar ou sacudir o(a) parceiro(a), mostrou associação com vitimização sexual apenas entre as moças: 24,2% das que sofreram violência sexual em uma esfera relacional empurraram e sacudiram seus parceiros. 11,5% dentre as meninas que não sofreram violência sexual tiveram tal comportamento.

Algumas práticas violentas utilizadas pelos adolescentes tendem a ser atribuídas como comportamentos passageiros e naturais, não sendo identificadas como condutas agressivas^{8, 10, 11}. Segundo D'Oliveira et al. (2009)¹⁸, a prevalência de violência física e sexual em relações afetivo-sexuais é de 28,9% nos grandes centros urbanos. Tais dados sugerem uma melhor compreensão deste fenômeno.

Violência sexual nas esferas relacionais e violência psicológica entre namorados

Serão apresentados dados da associação entre a violência sexual em pelo menos uma esfera relacional e sofrer/praticar violência psicológica no namoro nas modalidades: ameaças, violência relacional e violência verbal/emocional.

Ameaças: quebrar ou ameaçar destruir algo de valor do parceiro, tentar amedrontá-lo de propósito, ameaçar bater ou jogar algum objeto no parceiro e ameaçar machucá-lo.

Observou-se associação entre ameaças sofridas e praticadas em adolescentes com vivência de violência sexual ($p < 0,05$). Em ambos os sexos, constatou-se que os adolescentes são mais ameaçados de ter algo seu de valor destruído. Todavia, no sexo feminino há mais relatos de sofrer ameaças (12,3%) e de ameaçar a destruir algo de valor do parceiro (10,7% entre as que sofreram violência sexual e 4,1% no grupo não vitimizado sexualmente) do que no sexo masculino (6,7%). Dois tipos de ameaças são mais presentes apenas entre os rapazes vítimas de violência sexual: 'ele (a) tentou me amedrontar de propósito' (36,6% dos meninos vitimizados sexualmente, e 14,3% dentre os que não foram

vitimizados sexualmente); e 'ele/ela ameaçou me machucar' (15,1% e 4,3%, respectivamente). Quase a metade dos rapazes (45,8%) que sofreram violência sexual em alguma esfera relacional assumiram a postura de tentar ameaçar o(a) parceiro(a) de propósito. Tal fato ocorreu em 15,9% dos rapazes no grupo não vitimizado sexualmente. Em relação às moças não houve associação nesta variável ($p>0,05$).

Quanto ao item 'ele/ela ameaçou bater em mim' ou 'jogar um objeto no parceiro', rapazes e moças foram mais vítimas destas formas de ameaça, com percentuais próximos (10,3% e 13,4% respectivamente). Sofrer violência sexual e ameaçar bater ou jogar alguma coisa no parceiro(a) mostrou-se associado em adolescentes do sexo feminino e masculino: dentre as mulheres (11,1%) observou-se maior frequência deste tipo de ameaça do que entre os homens (3,1%).

Notou-se que, ao relacionar-se com o outro, as ameaças vividas no contexto do namoro podem ser precursoras de outros tipos de violências. Para as meninas tanto na posição de vítimas como na de perpetradoras, as ameaças são respostas emocionais menos prevalentes. Neste sentido, deve-se considerar o que estes jovens pensam acerca do que pode ou não ser sentido como violento no âmbito de uma relação de namoro. No "manual do namoro"¹¹, as normas que orientam a conduta dos namorados, nem sempre são identificadas e quando quebradas ou não internalizadas por um dos parceiros, podem ser geradoras de conflitos.

É um aspecto significativo para reflexão porque algumas destas adolescentes assumirão a responsabilidade da socialização dos filhos baseado nestes termos.

Violência Relacional: espalhar boatos sobre o parceiro(a), tentar virar os amigos contra ele(a) e dizer coisas para interromper a amizade.

Observou-se associação entre a violência sexual em alguma esfera relacional e sofrer e perpetrar violência no namoro ($p=0,000$). A relação entre ser vítima de violência sexual e a atitude

do parceiro de 'tentar virar os amigos contra' o adolescente entrevistado foi verificada tanto entre meninas (24,9%) quanto entre os meninos (23,3%). Entre os meninos, verificou-se associação entre sofrer violência sexual e ter um parceiro que disse coisas aos amigos do adolescente entrevistado, para virá-los contra ele (14%).

A violência relacional é a modalidade de violência psicológica menos comum entre os casais adolescentes, e nem sempre são representados como violência em relações afetivas⁸.

Violência verbal/emocional: provocar ciúmes, mencionar coisas ruins do passado, dizer coisas para deixar o outro com raiva, usar o tom de voz hostil, insultar o parceiro, ridicularizar na frente das pessoas, vigiar o outro, culpabilizar o parceiro pelos problemas e o acusar de paquerar com outras pessoas.

Houve associação entre sofrer violência sexual e ter parceiro(a) que fez algo para causar ciúmes, para ambos os sexos ($p>0,05$). Do total, 80,6% dos meninos e 69,4% das meninas relataram provocar ciúmes nos respectivos parceiros, sendo esta a forma de violência psicológica mais frequente e identificada entre os entrevistados. 66,8% referiram a atitude de dizer coisas ao parceiro(a) somente para deixá-lo(a) com raiva. No entanto, a maior parte das questões que afezem violência verbal/emocional se mostrou associada à vitimização por violência sexual entre as mulheres.

No grupo feminino vitimizado sexualmente, houve mais relatos de parceiros que mencionaram algo de ruim do passado (66,8%), disseram coisas somente para deixar com raiva (72,7%), falaram em um tom de voz hostil ou maldoso (65,8%), insultaram com deprecições (17,9%), ridicularizaram ou caçoaram na frente dos outros (13,8%), culparam a adolescente pelo problema (52,4%) e ameaçaram terminar o relacionamento (47,4%). As meninas com histórico de violência sexual sobressaíram em relação a sofrer violência verbal por parte dos parceiros afetivos, sugerindo a presença de padrões diferenciados entre os homens e mulheres, no qual

as mulheres se sujeitam mais a manter relacionamentos com estas características.

A violência verbal sofrida pelos meninos se mostrou associada nos itens: 'vigiavam com quem e onde estava' (71,1%) e 'o acusaram de paquerar outra garota' (74,5%). A tônica do controle esteve presente por parte das namoradas. A frequência elevada de violência verbal demonstrou que esta é uma forma de comunicação muito comum entre os namorados com histórico de violência sexual, evidenciando a crença de que o ciúme é sinal de afeto^{8, 11, 15}. Foi observado o quanto esta manifestação de violência é marcada por atribuições de poder, traduzindo o resultado das relações hierárquicas culturalmente demarcadas, tendo em vista a dificuldade encontrada em casais afetivo-sexuais de construir uma relação mais igualitária¹⁹. É fundamental olhar como estas atitudes violentas são justificadas por padrões culturais naturalizados nas relações afetivas, refletindo práticas e linguagens muito frequentes entre os jovens, independente de sexo ou vitimização sexual, tornando-os mais vulneráveis a comportamentos violentos em relacionamentos futuros.

Importante destacar a associação da violência sexual com outras formas de violência, tais como a violência física e a psicológica, evidenciada também em outros estudos^{6, 8, 15}. Reforçamos o fato de o adolescente ser configurado ora na categoria de vítima ora como perpetrador, sendo também exposto a outras formas de violência.

Torna-se necessário repensar as figuras vítima/perpetrador como construções simbólicas que atribuem ao masculino a imagem de violência, sem o essencialismo de alguns conceitos de gênero¹⁹. Tanto meninas quanto meninos estão sujeitos à violência sexual.

CONCLUSÃO

Pode-se constatar que a violência sexual é complexa e democrática – todos são vulneráveis, independente de sexo, classe social ou local de moradia. A adolescência é um período de elevada vulnerabilidade à violência sexual no namoro.

Esta pesquisa apontou que 10% dos adolescentes na faixa etária entre 15-19 anos já viveram a experiência da violência sexual em alguma esfera relacional em algum momento de suas trajetórias. Estes resultados evidenciaram os efeitos desta experiência de violência nesta etapa do ciclo vital, nos levando a refletir sobre a vulnerabilidade à outras formas de violência, tanto na posição de vítima como na de perpetrador no contexto de um relacionamento afetivo, devendo-se alertar para a predisposição à violência conjugal.

Destacou-se o sentimento de ciúmes como sendo comum entre os casais adolescentes. Provavelmente, as manifestações de ciúmes entre casais na adolescência, por serem uma violência verbal, constituem um aspecto da vulnerabilidade à violência sexual nesta faixa etária. Assim, vivenciar violência sexual neste momento torna estes adolescentes um segmento vulnerável da população, pois a própria violência os expõe a esses riscos, operando em várias dimensões. Quando o ato sexual ocorre no contexto de violência, as consequências podem ocorrer a curto, médio ou longo prazo.

É necessário investimento em políticas públicas intersetoriais no âmbito da assistência aos adolescentes de ambos os sexos vítimas de violência sexual. As redes de atendimento e os programas de capacitação profissional devem ser revisados constantemente.

REFERÊNCIAS

1. Martins CBG, Jorge MHPM. Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. *Texto & Contexto – Enfermagem*. 2010; 19(2): 246-255.
2. Chavez AR, Rivera-Rivera L, Angeles-Llerenas A, Díaz-Cerón E, Allen-Leigh B, Ponce EL. Factores del abuso sexual em la niñez y la adolescencia em estudiantes de Morelos, México. *Rev Saúde Pública*. 2009; 43(3): 506-14.

3. Rey-Anacona CA. Prevalencia y tipos de maltrato en el noviazgo en adolescentes y adultos jóvenes. *Ter Psicol*, 2013; 31(2): 143-154.
4. Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R. *World report on violence and health*. Genebra: OMS; 2002.
5. World Health Organization (WHO). *Preventing intimate partner and sexual violence against women*. Geneva, 2010.
6. Caridade S, Machado C. Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*. 2008; XXII (1): 77-104.
7. Minayo MCS, Assis SG, Njaine K. *Amor e Violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2011.
8. Oliveira QBM, Assis SG, Njaine K, Oliveira RVC. Violência nas relações afetivo sexuais. In: Minayo MCS, Assis SG, Njaine K. *Amor e Violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2011. p. 87-139.
9. Banyard VL, Cross C, Modecki KL. Interpersonal Violence in Adolescence: Ecological Correlates of Self-Reported Perpetration. *J. Interpers Violence*. 2006; 21: 1314.
10. Antunes J, Machado C. Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*. 2012; XXX (1-2): 93-107.
11. Nascimento FS, Cordeiro RM. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*. 2011; 23(3): 516-525.
12. Murta SG, Santos BRP, Nobre LA, Araújo IF, Miranda AAV, Rodrigues IO et al. Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*. 2013; 24(2): 263-288.
13. Wolfe DA, Scott K, Wekerle C, Grasley C, Straatman AL. Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships inventory. *Psychological Assessment*. 2001; 13: 277-293.
14. Lopes IMRS, Gomes KRO, Silva BB, Deus MCBR, Galvão ERCCGN, Borba DC. Caracterização da Violência Sexual em Mulheres Atendidas no Projeto Maria-Maria em Teresina-PI. *Rev Bras Ginecologia e Obstetrícia*. 2004; 26(2).
15. Carvalho LS. *A violência sexual na adolescência: significados e articulações [tese de Doutorado]*. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ; 2012.
16. Howard DE, Wang MQ, Yan F. Prevalence and psychosocial correlates of forced sexual intercourse among U.S. high school adolescents. *Adolescenc*. 2007; 42(168).
17. Sears HA, Byers ES, Price EL. The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. *Journal of Adolescence*. 2007; 30: 487-504.
18. D'Oliveira, AFPL, Schraiber LB, França-Junior I, Ludermir AB, Portella AP, Diniz CS et al. Factors associated with intimate partner violence against Brazilian women. *Rev Saúde Pública*. 2009; 43(2).
19. Saffioti HIB. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*. 2001; 16: 115-136.